



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora,
Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dor e sofrimento na Amaz?nia p?s Belo Monte

Autoria: Gustavo Augusto Gomes de Moura

Em Altamira, quase 3.500 fam?lias que foram deslocadas de suas moradias para 5 reassentamentos urbanos coletivos, passando a conviver com um cotidiano urbano significativamente diferente do vivido anteriormente e, no mais das vezes, sendo envolvidas em negocia??es com o empreendedor ou com governos e suas complexas tecnologias gerenciais e governamentais. Buscando compreender o novo cen?rio posto, os movimentos sociais da regi?o articularam a realiza??o de um ostensivo diagn?stico com esses moradores, realizando para isso entrevistas com pouco mais de 1.000 familiares reassentadas e outras atividades de debate, capacita??o e negocia??o coletiva, integrando o projeto batizado com o nome de ?A Voz dos Atingidos?. Ap?s contextualizar o empreendimento e apresentar panorama sobre o diagn?stico realizado, o artigo debater? como os atingidos por Belo Monte passaram a conviver com novos eventos de dor e sofrimento. A exposi??o vertiginosa a esses eventos resultaram em formas particulares de resili?ncia e, no limite, na altera??o do significado de dor e sofrimento conforme experienciado pelas fam?lias reassentadas. ? proposto o debate com autores como Foucault, Negri e Mbembe, que tem proposto a no??o de biopol?tica como chave para compreens?o de como as tecnologias estatais e do Capital se encarnam na vida cotidiana do cidad?o. O di?logo com Veena Das e sua interpreta??o wittgensteiniana das experi?ncias de dor e sofrimento, ajudam a problematizar este tema no ?mbito da experi?ncia etnogr?fica. Rita Segato complementa o debate com sua proposta de ?contra-pedagogias do poder?, ajudando a compreender como a ?a voz dos atingidos? pode ganhar for?a se utilizando, de forma t?tica mas desconfiada, de conquistas em termos de legisla??o ou a??es governamentais que ajudam os cidad?os a nominar e ressignificar a viol?ncia sofrida. Ao final, ser? compartilhado aprendizados sobre o fazer antropol?gico em contexto amaz?nica e em situa??es limites de conflito como ? o caso de territ?rios afetados por grandes obras.



Realização:



Apoio:



Organização:

